

CARTA DAS EDITORAS

Colegas,

Esta edição de *Música e Cultura* foi produzida em meio à pandemia da Covid-19, um período que foi um grande desafio para todo o mundo. Os pesquisadores não puderam ir ao campo e tiveram que buscar novas formas de trabalhar. Tornou-se também necessário criar formas virtuais de organizar eventos acadêmicos, defesas de teses e dissertações, reuniões e aulas. A situação tornou-se especialmente difícil para os músicos e demais produtores culturais de formas performativas, devido à proibição de sua realização presencial. Muitos perderam seus meios de vida e mesmo os que puderam desenvolver virtualmente seu trabalho têm sentido grande impacto no processo de adaptação. Deixamos nossos sinceros sentimentos a todos os que perderam entes queridos nestes tempos difíceis.

Embora em seu projeto original este não tenha sido configurado oficialmente como um volume temático, notamos que, ao comemorarmos e relembarmos os 20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia, vários textos submetidos abordam a memória da disciplina e resgates históricos das pesquisas em arenas musicais específicas. O texto de Bruno Nettel e a entrevista com Kilza Setti trazem as memórias pessoais destes pesquisadores sobre o desenvolvimento da Etnomusicologia norte-americana e brasileira, respectivamente. Katharina Döring e Marcos Branda Lacerda analisam as perspectivas que marcaram as investigações das músicas em seus campos de estudo. Esta edição também realça a internacionalização que a etnomusicologia brasileira vem conquistando. Ao lado da contribuição norte-americana de Nettel, recebemos trabalhos de uma colega portuguesa, Maria do Rosário Pestana, sendo que pesquisadores brasileiros têm se voltado para a pesquisa em outras partes do mundo, como Espanha, França e vários países da África. Há, ainda, contribuições que discutem esferas da música brasileira com novas perspectivas, como o choro no interior de São Paulo e o impacto da pandemia sobre agentes envolvidos na produção das culturas populares no norte do país.

A diversidade de gêneros textuais é uma característica marcante deste volume. Além de cinco artigos, trazemos uma tradução, uma resenha, uma entrevista

e uma reflexão, texto de curta extensão, de estrutura mais livre, dedicado à discussão de algum importante tema contemporâneo.

Abrimos com “Quem espreita por sobre meus ombros?” (Who’s looking over my shoulder), tradução, por seu orientando Samuel Araújo, do quarto capítulo do livro *Encounters in Ethnomusicology: a memoir* (2002) de Bruno Nettl (1930-2020). Com esta publicação, prestamos nossa homenagem à grande contribuição e dedicação à Etnomusicologia deste eminente investigador. O texto traça a trajetória do desenvolvimento da Etnomusicologia, particularmente a norte-americana, a partir da formação acadêmica de seus expoentes, mostrando como as ontologias da Música Erudita Ocidental permeiam os estudos da música de outras culturas. A narrativa expõe a sua própria longa trajetória na disciplina, iniciada nos anos de 1950 e persistindo até o fim de sua vida.

No artigo “As bandas civis em Portugal: um olhar multifocalizado sobre espaços de atravessamento”, Maria do Rosário Pestana faz um apanhado geral das principais constatações que emergiram ao longo do projeto “A nossa música, o nosso mundo: Associações musicais, bandas filarmónicas e comunidades locais (1880-2018)”, financiado por Fundos FEDER. Compreendendo o universo das filarmónicas como “um espaço entre-espaços”, isto é, “um espaço humano de atravessamento de e para outros espaços”, suas reflexões destacam tanto continuidades quanto divergências nas práticas das bandas portuguesas, seus papéis sociais ao longo do tempo e em diferentes localidades, as indústrias que sustentam e os universos sociais que se constituem em seu entorno.

Katharina Döring apresenta, em “Pandeireteiras e Cantadeiras da Galiza: Protagonismo feminino na música popular galega”, um resgate histórico e um panorama contemporâneo dessa rica e diversificada tradição, tão pouco conhecida no Brasil, e da pesquisa sobre ela realizada, destacando a atuação de distintas gerações de mulheres. É interessante notar a variedade linguística destacada no texto pela autora, que manteve nas citações diretas os idiomas originais: português, castelhano e galego.

Em “‘Cadê o Café?’”: novas trilhas do choro nas rodas do interior paulista”, Renan Bertho discute os intercâmbios musicais nas rodas de choro em sete cidades de uma região que, desenvolvida inicialmente sobre a economia cafeeira e associada à cultura caipira, passou por intensa urbanização, gerando uma juventude moderna,

com gostos musicais e culturais cosmopolitas. Com a fundação do Conservatório de Tatuí, alguns jovens se tornaram aficionados pelo choro, mas, para sustentar essa prática, precisaram buscar músicos em cidades vizinhas. Assim, a partir dessa rede de intensa sociabilidade musical, estabeleceram-se “trilhas” do choro pela região.

Lúcia Campos, em “Uganda, Buganda, Baganda: O paradoxo da música clássica ugandesa”, faz uma análise da participação do Ensemble Baganda no 13º *Festival de l’Imaginaire*, em Paris, onde se observa uma disputa entre os conceitos de *world music* e *músicas do mundo*. Os produtores do evento partiram de uma concepção própria de “autenticidade”, que os levou a exigir alterações nas práticas do conjunto musical para que ele respondesse ao espírito do discurso que sustentavam. Vale apontar, contudo, que, embora os organizadores quisessem eliminar a dança das mulheres por considerá-la exotizada e sexualizada, na programação final elas se apresentaram no bis. A discussão proposta por Campos destacou, a partir das tensões evidenciadas, a colonialidade de relações que são estabelecidas em festivais voltados para apresentações de tradições musicais não ocidentais.

O artigo “Aspectos da construção rítmica e figural na música africana e uma introdução à sua pesquisa”, de Marcos Branda Lacerda, traz uma detalhada discussão histórica e crítica de abordagens analíticas da música instrumental africana, mostrando como muitos destes estudos buscam evidenciar uma suposta complexidade rítmica. A partir de sua própria experiência de pesquisa, discutida na segunda parte do texto, o autor expõe uma rica variedade de exemplos onde evidencia a participação do solista e sua relação com a textura, um aspecto raramente abordado pelos estudiosos desse repertório. Alerta para um certo olhar apriorístico e reducionista da tradição ocidental da análise musical, exemplificando a constatação feita por Nettl em sua contribuição nesta edição.

Em entrevista a Guilhermina Lopes, a compositora e etnomusicóloga Kilza Setti compartilha vários aspectos de sua trajetória, como sua formação (em relação com a trajetória da Etnomusicologia na academia brasileira), seu trabalho artístico e a pesquisa de música portuguesa, caçara e indígena. Ao longo desse envolvente relato, o leitor poderá acompanhar, através das imagens, importantes momentos do desenvolvimento nacional de nossa disciplina, como o primeiro congresso da ANPPOM em 1988 e o Simpósio de Etnomusicologia da UFBA (1991)

e encontrar personalidades que para ela muito contribuíram, como Kwabena Nketia, Manuel Veiga, Desidério Aytai, Gerhard Kubik, Elizabeth Travassos, Anne Caufriez, Fernando Lopes-Graça e Michel Giacometti.

O impacto da crise sanitária internacional que tem no Brasil um de seus piores cenários é tema da reflexão “Os primeiros a parar e os últimos a voltar: trabalhadores da cultura no Brasil em tempos de COVID-19”, de Lorena Avellar de Muniagurria. A autora destaca que, apesar de sua importância simbólica e econômica, a cultura constitui uma área profissional com altos índices de informalidade que, mesmo anteriormente à pandemia, enfrentava o aumento da precarização, além de um ambiente de crescente intolerância e censura.

Trazemos, por fim, a resenha do livro *Viola de arame - práticas e contextos* (2018), de Vitor Sardinha, realizada por Flávio Dantas Martins, que aborda importantes aspectos organológicos e estilísticos do instrumento na Ilha da Madeira, Portugal. Assim como o artigo de Katharina Döring, este texto nos apresenta um universo tão próximo linguisticamente e ao mesmo tempo tão desconhecido por aqui.

Notamos, por fim, que a disposição dos números da revista no site da ABET está em fase de reorganização, o que deverá torná-la mais acessível.

Gostaríamos de agradecer a todos os que colaboraram para que mais essa edição pudesse vir à luz: autores e pareceristas, demais membros da diretoria da ABET e os bolsistas FAPESP Micael Pancrácio e Vitor Robonato, por seu trabalho no design e reestruturação do site da revista. Encorajamos pesquisadores, professores e estudantes a incrementarem submissões para os próximos números, a fim de que possamos tê-la cada vez mais fortalecida, especialmente neste momento tão delicado para a pesquisa no Brasil.

Desejamos a todes uma proveitosa leitura.

As editoras,

Suzel Reily

Guilhermina Lopes